

Artífices coleção



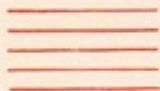
Coelho Vaz

POEMA DA ASCENSÃO

Poema da Ascensão

por

Coelho Daz



Edição ETG
GOIANIA - 1963

CAPA DA NOVA EDIÇÃO

*Ilustração a partir de trabalhos em xilogravura produzidos por
estudantes do curso Técnico em Modelagem do Vestuário –
Educação de Jovens e Adultos, parte do acervo da Galeria de Artes
e Ofícios (Galo) do Câmpus Aparecida de Goiânia do IFG*

CAPA DA PRIMEIRA EDIÇÃO

*Criação da Tipografia e Encadernação da Escola Técnica de
Goiânia (ETG)*

Artífices coleção



Coelho Vaz

POEMA DA ASCENSÃO

ISBN 978-85-67022-62-8

© 2021 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Os textos assinados, no que diz respeito tanto à linguagem quanto ao conteúdo, não refletem necessariamente a opinião do Instituto Federal de Goiás. As opiniões são de responsabilidade exclusiva dos respectivos autores.

É permitida a reprodução total ou parcial desde que citada a fonte.

V393	Vaz, Coelho, 1940- Poema da ascensão / Coelho Vaz. - Goiânia: Editora IFG; Macapá: Editora IFAP, 2021. - (Coleção Artifices). 129 p. ISBN 978-85-67022-62-8 ISBN (e-book): 978-85-67022-44-4 I. Literatura brasileira. 2. Poesia brasileira. I. Título. II. Coleção. CDD 869.1
------	--

Catálogo na publicação:

Maria Aparecida Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB 1/1497

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Editora IFG

Avenida C-198, Qd. 500. Jardim América.

Goiânia/GO | CEP. 74270-040

(62) 3237-1816

editora@ifg.edu.br

Impresso no Brasil

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	
DA COLEÇÃO	11
PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO	
A ESCOLA TÉCNICA FEDERAL E POEMA DA ASCENSÃO DE COELHO VAZ	21
PREFÁCIO	
À PRIMEIRA EDIÇÃO	27
POEMA DA ASCENSÃO	31
JORDELINA	33
POEMA AO ZÉ BOBO	35
POEMA À PROSTITUTA	37
POEMA AO ÍNTIMO	39
POEMA DAS LÁGRIMAS	41
POEMA À MOÇA PURA	43
POEMA À SAUDADE	45
POEMA À CHUVA	47
POEMA À EXISTÊNCIA	49
POEMA AO DESESPERO	51
POEMA À VORACIDADE DA TERRA	53
POEMA À MINHA COZINHEIRA	55

POEMA À MARIA HELENA	57
POEMA A UMA CRIATURA	59
POEMA À MÃE PRETA	61
POEMA ÀS MÃES	63
POEMA À TERRA SECA	65
POEMA À GUERRA	67
POEMA A UMA CERTA MUSA	69
POEMA A UMA CANÇÃO DA FOME	71
POEMA A CERTA CANÇÃO TRISTE	73
POEMA À ETERNIDADE	75
POEMA A UM QUASE FETO	77
POEMA À MINHA RUA	79
POEMA À TRAGÉDIA	81
POEMA A UMA CERTA MULHER	83
POEMA À IRRESPONSABILIDADE	85
POEMA AO ENCONTRO	87
POEMA A UM SONHO	89
POEMA AO GRITO	91
POEMA DA PERDA	93
POEMA À RUA DAS LÁGRIMAS	95
POEMA À MOÇA DE MONTE CARMELO	97
POEMA DOS DESENGANOS	99
POEMA À MENINICE EM IPAMERI	101
POEMA AO MEU NASCIMENTO	103

POSFÁCIO

“UM POETA À PROCURA DE ASCENSÃO”	107
----------------------------------	-----

*Um livro
a
Glicério Coelho
e Maria Vaz Coelho
meus pais*

A Luiz Carlos Pimenta
“Antes que seja tarde”

Aos professores
Antônio M. J. Chaud
Labiba Fayad
Mussolina P. Araujo
Alsita de Sousa Campos
Maria das Dores Campos

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO

*Folheio o livro, pensativo e triste,
sorvendo os seus poemas, devagar...
Sondando, desnudando, ao meu olhar,
a alma que nestas páginas existe...*

A.G. Ramos Jubé, em "Semelhança" (1947).

Os senões, as imperfeições que lhes deslustram presentemente as obras, com o tempo, com a experiência e o aperfeiçoamento irão ficando para trás, motivo pelo qual não vacilamos, com os olhos no futuro, em dizer ao prezado leitor: folheie o nosso livreto.¹ Esse excerto foi retirado de uma publicação de 1947. Naquele ano, em um dos pavilhões em *art déco* do prédio localizado no Setor Central da capital recém-fundada, funcionava a Seção de Artes Gráficas da Escola Técnica de Goiânia (ETG) com as oficinas de tipografia e encadernação. Com o apoio do diretor da Escola, foram impressos os três poemas vencedores do Primeiro Concurso de Poesias do Movimento Unificador dos Estudantes Goianos, depois de serem avaliados por nada menos que Bernardo Élis, Leo Lynce e Eli Brasiliense, três destacados nomes da literatura produzida em Goiás. Trata-se da publicação mais antiga de uma gráfica de cuja história partimos para compor esta apresentação.

1 MUEG (Movimento Unificador dos Estudantes Goianos). *Primeiro concurso de poesias*. Goiânia: ETG, 1947. Não paginado.

A partir da inauguração e do batismo cultural de Goiânia em 1942, cinco anos depois de oficializada a transferência da capital do estado, alguns fatos mostraram-se decisivos para a conformação de um cenário literário na cidade. Um dos mais importantes consistiu na instalação da ETG, que representou a continuidade institucional da Escola de Aprendizes Artífices, a qual, desde 1910, estava em funcionamento em Vila Boa, a antiga capital. A contribuição para a produção local de literatura vinculou-se, sobretudo, às atividades do curso de Artes Gráficas. Como atesta o escritor Aidenor Aires, “na gráfica da Escola, onde o ofício de gráfico ainda era aprendido com caixilhos de tipos móveis e uma fumegante linotipo a chumbo, confeccionavam-se vários livros de autores goianos”.² Em depoimento à Editora IFG, o promotor de Justiça Vagner Jerson Garcia, ex-aluno do referido curso e filho de Odir Garcia, mestre linotipista da Escola, afirmou que a gráfica, a maior da Região Centro-Oeste até os anos 1960, cumpriu um importante papel social à época, uma vez que, por contar com o ofício dos aprendizes, conseguia oferecer serviços gráficos a baixo custo, o que facultava o caminho da publicação a quem dispunha de poucos recursos.³ Nesse contexto, a ETG foi a responsável por imprimir livros de prosadores e poetas em início de carreira, como Aires exemplifica em seu depoimento:

² AIRES, Aidenor. *Estrela nascente do anjo Gabriel*. Goiânia, 2010. Disponível em: <http://blogdoelius.blogspot.com/2010/11/estrela-nascente-do-anjo-gabriel.html> Acesso em: 20 mar. 2020. Não paginado.

³ COLEÇÃO Artífices. Goiânia: Editora IFG, 2019. Produção de Renata Rosa Franco, Bruno Fiorese, Vinícius Soares e Olliver Mariano Rosa. 1 vídeo (3min49s). Publicado pelo canal Editora IFG. Disponível em: <https://youtu.be/scRyR2hBEIM> Acesso em: 20 maio 2020.

Ali consegui o *Pássaro de Pedra* de Gilberto Mendonça Teles. Pelos corredores passava a figura fina quase diáfana, flutuando com a Vênus de Botticelli, a poetisa Yêda Schmaltz, que editava *Caminhos de mim*. Também Edir Guerra Malagoni, com seu *Tardes do nada*, *Primeira chuva*, de Bernardo Élis, e outros. Teatro, poesia, música, oratória.⁴

Essa prestigiada atividade gráfica não começou apenas com produção literária. Em 1948, o relato policial de J. C. Canedo, *História de um crime ou o Crime de Aldeia*, recebeu uma segunda edição em razão de seu sucesso, o que, nas palavras do autor, devia-se, em alguma medida, “ao trabalho gráfico executado pelos artífices da Escola Técnica de Goiás, onde a arte e o gosto não se fizeram faltar”.⁵ Ainda na década de 1940, no mesmo ano em que colocava no prelo os poemas do professor José Lopes Rodrigues com o título *Vibrações* (1949), publicava uma obra de referência documental do historiador e geógrafo Zoroastro Artiaga, a *Monografia corográfica e histórica da nova capital de Goiás*.

Dois anos depois, em 1951, eram impressas as *Lendas de minha terra*, obra de Mário Rizério Leite contemplada pela Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos, política de fomento à literatura goiana criada pela Prefeitura de Goiânia em 1943. Em 1955, Bernardo Élis apresentava seu único livro de poesia, *Primeira chuva*, com a inscrição “Tip. e Enc. da ETG”. Nesse mesmo ano, Gilberto Mendonça Teles estreava sua longa trajetória na escrita poética com *Alvorada*, também forjada pelas mãos dos escolares linotipistas. No início da década seguinte, Teles continuou sua parceria com a gráfica dos artífices: publicou, em 1962, *Pássaro de pedra*, que recebeu o Prêmio Álvares de

⁴ AIRES, 2010.

⁵ CANEDO, J. C. *História de um crime ou o crime de aldeia*. 2. ed. Goiânia: ETG, 1948.

Azevedo, concedido pela Academia Paulista de Letras, e editou, em 1964, seu discurso de posse na Academia Goiana de Letras com o título “A poesia de Leo Lynce e o sentido simbolista da obra poética de Erico Curado”.

Os anos 1960 foram marcados por uma produção profícua, que traduzia o contexto de movimentação artístico-cultural de uma juventude criadora. Em 1963, Ciro Palmerton Muniz, Geraldo Coelho Vaz, Yêda Schmaltz e Edir Guerra Malagoni participaram da criação do Grupo de Escritores Novos (GEN), que, até 1967, agremiou vozes que desejavam trazer mudanças à literatura goiana, sintonizadas com o movimento literário nacional e internacional. A gráfica da ETG tomou parte nesse processo quando levou do chumbo às páginas os livros desses quatro poetas, respectivamente: *Tempo maior* (1962), *Poemas de ascensão* (1963), *Caminhos de mim* (1964) e *Tardes do nada* (1965). No final da década, já com a marca da nova institucionalidade de uma autarquia da União, Escola Técnica Federal de Goiás (ETFG), vinham ainda a lume pelas mesmas tintas a coletânea de poemas da musicista Silvia Nascimento, *Madrugada* (1968), e a seleta de crônicas, contos e novelas de Nita Fleury Curado, *Vida* (1969). No início da década seguinte, a ETFG apresentava ao público a criação poética de Emir Omá (pseudônimo do poeta Euler de Amorim) por meio da segunda edição de *Aquarelas goianas* (1970) e do lançamento de *Flor de abril* (1971), as últimas obras que teriam sido impressas à época nas linotipos da Escola.

De todas essas obras foram selecionadas dez para representar a produção e compor a Coleção Artífices, que resgata não só a história do IFG e sua incursão no mercado editorial, mas também as marcas deixadas no estado quando da transferência da capital e os sentimentos vividos naquelas décadas, lite-

realizados nas páginas de diversos autores, muitos deles em suas primeiras obras. Apesar de a personalidade editorial não ser prioritariamente literária, uma vez que se publicava todo tipo de material impresso, sendo a gráfica acessível àqueles que pretendiam divulgar seus escritos, a literatura se destaca nesse período, principalmente em razão da publicação das primeiras obras daqueles que iriam se tornar grandes nomes da literatura regional e nacional. Da materialização dessas obras nascem a circulação e a divulgação delas feitas pelos jornais, pelos suplementos literários e pelos próprios autores, em saraus e encontros na capital goiana. Na livraria Bazar Oió, conhecido espaço cultural da capital goiana à época, os autores circulavam em diversos momentos e eventos. A importância de materializar uma obra literária naquele momento é perceptível ante a promoção dos escritores publicados pela ETG em jornais e revistas não só do estado de Goiás, mas de São Paulo e de cidades como Brasília e, especialmente, Rio de Janeiro – centro urbano que naquele momento ainda era considerado uma forte referência no circuito cultural.

Naquele contexto, esse movimento dependia muito das relações sociais, políticas e literárias de cada autor. A republicação atual ganha um novo aspecto e novos suportes, o que permite uma ampla circulação e divulgação por meio das plataformas digitais. Nesse aspecto, cabe a perspectiva de Le Goff, ao afirmar que “a memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”.⁶ Republicar significa memorar e marcar a presença cultural de uma instituição centenária e a sua importância para a produção literária, ao mesmo tempo que representa a afirmação da literatura goiana no cenário da literatura brasileira, o que é favorecido pela capilaridade da

⁶ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: Unicamp, 1999, p. 471.

Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, mesmo que a obra dos autores de Goiás ainda careça de reconhecimento em âmbito nacional.

Antonio Candido, no prefácio de 1957 à primeira edição do seu livro *Formação da literatura brasileira*, inscreve o seu apreço à nossa literatura na base do estudo apresentado. Embora à época tenha visto a literatura brasileira como “galho secundário” da portuguesa, esta, por sua vez, menor no “Jardim das Musas”, Candido diz: “Se não for amada (a literatura), não revelará a sua mensagem; e, se não a amarmos, ninguém o fará por nós”.⁷ O que nos interessa da afirmação de Candido não é a visão sobre o lugar ocupado pela literatura brasileira no conjunto da literatura ocidental, mesmo porque, passados mais de sessenta anos da publicação, e já àquela época, temos obras que fazem frente à mais qualificada produção literária da Europa e das Américas. O que chama a atenção é a disposição afetiva colocada no gesto do crítico e a responsabilidade ética que ele demanda do leitor e do estudioso de se debruçar sobre a nossa literatura.

A lembrança dessa passagem do livro de Candido vem a propósito do que temos a dizer sobre a literatura goiana, que teve na gráfica da ETG sua primeira casa editorial efetivamente de Goiás. Essa literatura surge com *O ditirambo às ninfas goianas*, que é tido como um canto de encômio feito pelo professor de latim e poeta Antonio Cordovil ao governador da província Tristão da Cunha Menezes. Nos registros consta a publicação de Cordovil entre 1792 e 1800. A considerar esse marco, temos, então, uma literatura com cerca de 220 anos, que nasce sob a égide da implantação da educação em Goiás, tendo em

⁷ CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos: volume 1: 1750-1836*. 8. ed. Rio de Janeiro: Itatiaia, 1997, p. 10.

vista que Cordovil veio para cá com a função de ministrar aula de latim em Meia-Ponte, hoje Pirenópolis/GO. Uma literatura relativamente jovem que só vai constituir-se como tal no final do século XIX e no início do XX, quando podemos perceber uma produção modestamente acolhida por um público leitor, especialmente na capital da província e, depois da República, capital do estado, onde havia uma vida cultural intensa.

É esse contexto literário que, passado um pouco mais do seu centenário, produziu *Tropas e boiadas* (1917), de Hugo de Carvalho Ramos, uma das mais originais coletâneas de contos, já à época reveladores dos contrastes entre o urbano e o rural, entre o progresso e uma cultura sertaneja forte, presentes até hoje na identidade do povo brasileiro. Carvalho Ramos ganhou a cena nacional, mas contemporâneos seus ficaram à meia-luz como os poetas Félix de Bulhões, Luiz do Couto, Gastão de Deus, Augusto Rios e a poetisa Leodegária de Jesus. Sem citarmos Cora Coralina, que já mostrava seus primeiros escritos nos jornais e nos saraus.

Só mais tarde, com a mudança da capital e a construção de um contexto cultural embalado pela ideia de modernização, com agentes fomentadores e meios de produção criados, como a gráfica da ETG, é que a literatura goiana incorporou-se e desenhou com mais força seu percurso até os dias de hoje. É essa literatura, em cuja linha histórica percebemos as lacunas, o esquecimento e tantos silêncios, que a posição amorosa de Antonio Candido, citado anteriormente, serve para nos ensinar a valorizar e demonstrar nosso apreço a partir de sua leitura, de seu estudo e de sua partilha. O que a Coleção Artífices aqui apresentada propõe é trazer, às leitoras e aos leitores contemporâneos, poetas e escritores que impulsionaram a literatura goiana para ser o que ela é hoje: digna de ser lida

e de ser examinada pelos leitores e bons críticos do estado de Goiás. A gráfica da ETG, ao publicar esses autores no passado, assumiu protagonismo na história da literatura goiana, contribuindo para a sua afirmação e difusão. E o Instituto Federal de Goiás (IFG), agora, ao reeditá-los, abre o espaço que lhes pertence por direito no tempo presente e nos convoca para a leitura que exige o dever de “passar a limpo os autos do passado”.

Em 1947, aquele que apresentava o pequeno livreto de poesia ressalvou a qualidade dos poemas apresentados na ocasião. Dos três jovens poetas, apenas A. G. Ramos Jubé, que galgou o segundo lugar do concurso estudantil com o poema “Seme-lhança”, notabilizou-se nas letras goianas. Élis, Lynce e Brasiliense apontam-lhe os acertos. Não saberíamos dessa relação entre gerações de escritores goianos se não fosse as artes das oficinas de tipografia e encadernação da Escola. Como os estreantes na poesia, eram também aprendizes muitos dos que trabalharam na arteficialidade dos tipos para compor a mancha gráfica dos poemas e das narrativas impressas na gráfica da ETG/ETFG dos anos 1940 aos anos 1970. Cá e acolá catam-se gralhas e pastéis, comuns ao ofício na linotipo, mas os erros tipográficos não nos impedem de ler e de apreciar as palavras reveladas pela mãos dos artífices da prensa. A eles temos de prestar uma justa homenagem, porque nos legaram a possibilidade de conhecer livros que poderiam ter restado no silêncio. Com essa homenagem, conectamos dois tempos e dois mundos, o que se materializa, inclusive, no projeto gráfico dos dez livros: suas capas originais, cuja imagem está reproduzida no interior das reedições, dividem espaço com as novas capas, resultantes da recriação de desenhos produzidos em xilogravura por alunos do IFG/Câmpus Aparecida de Goiânia como parte das atividades da Galeria Artes e Ofícios, a qual, em seu nome e em sua prática, rememora a arteficialidade de outrora.

A transposição espaço-temporal acontece também na composição das novas edições: reunimos à poesia ou à prosa dos escritores goianos prefácios de vozes célebres da cultura goiana, posfácios críticos de estudiosos da literatura do IFG, da UFG, da UEG e de outras instituições parceiras e, por fim, a reprodução de matérias jornalísticas veiculadas sobre os livros à época de sua primeira publicação, a maioria delas gentilmente cedidas pelo Centro de Documentação do Grupo Jaime Câmara. A todos os que colaboraram para tornar possível essa rica composição, registramos nosso agradecimento, sobretudo aos autores e familiares que cederam direito de publicação à Editora IFG.

Numa ou noutra das obras desta coleção que ora apresentamos, alguns poderão acusar fragilidades poéticas ou mesmo ideias anacrônicas, contudo ninguém poderá retirar-lhes o mérito de ter contribuído para edificar e fortalecer a literatura goiana e, assim, para promover a leitura literária em Goiás – movimentos imprescindíveis para a valorização intelectual de nosso povo. Com vistas a essa dinâmica, a Editora IFG estabeleceu sua estratégia de distribuição: toda a tiragem segue das gráficas para as estantes de bibliotecas públicas. Parafraseando os excertos que abrem esta apresentação, nós, os coordenadores da Coleção Artífices, não vacilamos em convidar os prezados leitores, sobretudo os estudantes, a folhearem, com os olhos no futuro, cada uma das obras, sorvendo, sondando, desnudando a memória, a cultura, a história que nestas páginas existem.

OLLIVER MARIANO ROSA

MARCELA FERREIRA E

GOIANDIRA ORTIZ DE CAMARGO

Coordenadores da Coleção Artífices

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO A ESCOLA TÉCNICA FEDERAL E POEMA DA ASCENSÃO DE COELHO VAZ

LUIZ AUGUSTO PARANHOS SAMPAIO¹

A Escola Técnica Federal de Goiás iniciou oficialmente suas atividades no estado de Goiás em 1910. Sediada na cidade de Goiás, antiga capital, a instituição denominava-se Escola de Aprendizes Artífices e foi criada por meio do decreto da lavra do presidente da República Nilo Peçanha (1867–1924). Em decorrência do incipiente desenvolvimento tecnológico da época, a formação de mão de obra resumia-se aos ofícios de alfaiataria, sapataria, forja, serralheria, marcenaria, empalhaço, selaria e correaria. Com a criação da nova capital, Goiânia, a escola transferiu-se para esta cidade em 1942, instalando-se no prédio que até hoje ocupa. Em 1943, ela retomou suas atividades com nova denominação – Escola Técnica de Goiânia (ETG). Em 1965, passou a chamar-se Escola Técnica Federal de Goiás (ETFG)²

¹ Membro da Academia Goiana de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás e da União Brasileira de Escritores – GO.

² Como sempre ocorre no nosso País, com esteio no Decreto Lei n. 8.948, de 8 de dezembro de 1994, regulamentada pelo Decreto Lei n. 2.406, de 27 de novembro de 1997, e pelo Decreto Presidencial de 22 de março de 1999, a Escola Técnica Federal de Goiás transformou-se em Centro Federal de Educação Tecnológica de Goiás.

e diga-se por oportuno que ela foi dirigida pelo professor Antônio Manoel de Oliveira Lisboa, seu primeiro diretor. É de se ressaltar que o ano de 1942 foi assinalado por dois importantes eventos, que marcaram época na historiografia da nova capital: o Batismo Cultural de Goiânia e a instalação da ETG.

Saliente-se que, nesse ano, Goiânia era uma cidade pequena, contando com, segundo estatísticas, 3.349 edificações, nestas incluindo os principais prédios comerciais e residências, dependências, barracões e casebres. É de se notar que sua população urbana e suburbana alcançava 14.000 habitantes, ao passo que no estado de Goiás havia menos de 700.000 habitantes (recenseamento de 1940, 648.304). É bom lembrar que estávamos no início da Segunda Guerra Mundial, e Goiânia sofria restrições de toda ordem, principalmente, racionamento de combustíveis, de açúcar e de sal, produtos transportados pela Estrada de Ferro Goiás e por precárias estradas de rodagem.

Levando-se em consideração que Goiânia, na sua capacidade de hotelaria, só dispunha do Grande Hotel, construído pelo Estado, e alguns cinco hotéis pioneiros e 28 pensões, logicamente torna-se difícil dizer como foi possível abrigar aqui 1.700 pessoas egressas de todos os rincões do Brasil para participar do Batismo Cultural de Goiânia. Desse modo, para hospedar ilustres visitantes e participantes do VIII Congresso Nacional de Educação e das assembleias do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, delegados dos ministérios, interventores federais e entidades representativas da sociedade abrigaram-se no Lyceu de Goiânia e no Grupo Escolar Modelo, além de residências particulares.

Indubitavelmente, foi um momento histórico a realização desses congressos. Foi aí, então, que a ETG prestou valiosa colaboração, oferecendo sua sede, recém-construída

junto ao Bosque do Botafogo, para que o Conselho e as Assembleias realizassem suas reuniões.

Nos primórdios de Goiânia, décadas de 1940, 1950 e 1960, o número de gráficas (ou as chamadas tipografias) era exíguo. Naqueles anos não havia os equipamentos gráficos necessários à publicação de livros, usando-se, para tal mister, o linotipo em cada letra, geralmente de chumbo, uma vez que tinha que ser colocada numa forma, chamada de matriz, o que se constituía num trabalho difícil, lento e cuidadoso, chegando-se a um resultado final sempre a desejar.

É de se registrar que foi somente no final da década de 1960 que a primitiva gráfica goianiense começou a tomar impulso, época em que a da Escola Técnica marcou sua presença, fator de grande relevância na edição de textos de autores que viam em suas publicações o sonho, então, realizado. Assim, a Escola Técnica tornou-se um ponto de apoio aos escritores, e explicita-se, com ênfase, que mantinha em seu corpo docente mestres de nomeada, entre os quais se destacavam: Geraldo da Paixão, Bernardo Elis, José Lopes Rodrigues, Edmar Fleury Pereira, Colombo Baiocchi (Bibino), Vivaldo Paranhos, Helio Naves, Joaquim Edson de Camargo e outros grandes expoentes do magistério goiano.

POEMA DA ASCENSÃO DE COELHO VAZ

Na década de 1960, quatro jovens escritores lançaram suas obras: Ieda Schmaltz, pernambucana de nascimento que, a princípio, viveu em Ipameri e depois em Goiânia, publicou, em 1964, *Caminhos de Mim*; Ciro Palmerston

Muniz, mineiro, em 1963, editou *Tempo Maior*, poemas; Edir Guerra Malagoni, anapolina, em 1965, *Tardes do Nada*, poemas; Geraldo Coelho Vaz, goianiense, *Poema da Ascensão*, em 1963. Antes deles, Gilberto Mendonça Teles, goiano, publicou *Alvorada*, poemas, em 1955. Todas essas obras foram feitas na gráfica da Escola Técnica.

Faço esses prolegômenos para, agora, tecer considerações acerca de *Poema da Ascensão*, obra prefaciada por Gilberto Mendonça Teles em outubro de 1963. O livro com uma capa simples, desprovida de modernismo que se vê nos dias de hoje, nos mostra o incipiente formato gráfico utilizado naquela época, deixando-nos, desse modo, a impressão de que todas as demais obras editadas na gráfica da ETG o foram de maneira simplicista.

É oportuno ressaltar aqui que na dedicatória desse livro há a demonstração do afeto que Coelho Vaz nutria pelos seus mestres, todos militantes em Catalão (Goiás), Antonio Chaud, Labiba Fayad, Mussolina Araújo, Alsira Campos, Maria das Dores Campos (Mariazinha) e, ainda, Luiz Carlos Pimenta, voz conhecida na Rádio Brasil Central, em que apresentava o programa *Antes que seja tarde*, de muita audiência naqueles tempos. E, também, numa prova de seu amor filial, homenageia seus genitores – Glicerio Coelho, autor de “Memórias de Peão de Boiadeiro”, e dona Maria Vaz Coelho, senhora de prendas domésticas.

No prefácio, o hoje imortal e festejado Gilberto Mendonça Teles, que, à época, dava seus primeiros passos no universo literário anhanguerino, mas já com conceito de mestre dedicado ao nosso idioma, retratou Coelho Vaz com pinceladas de bom augúrio, uma vez que, segundo suas palavras, se tratava de um autor “com um porvir a ser esperançosamente

conquistado”, pois “seríamos forçosamente levados diante de alguns aspectos de seu livro a uma concepção pessimista sobre suas possibilidades literárias”.

Por necessário, torna-se dizer que, paralelamente, à edição de “Poema da Ascensão”, vários foram os lançamentos de livros em Goiânia no ano de 1963. Monsenhor Primo Vieira lançou *Vitrais* (poemas), Basileu Toledo França, *Música e maestros*, e *Cadernos de Estudos Brasileiros n. 1*, coletânea organizada pelos professores do Centro de Estudos Brasileiros, sob a orientação de Gilberto Mendonça Teles. No entanto, saliente-se que *Poema da Ascensão* mereceu por parte dos leitores uma acolhida preponderante, uma vez que o autor, na Livraria Figueiroa, situada na Rua 4, no Centro, autografou 62 livros, número recorde naquele ano. A esse evento, muito concorrido, que se deu na noite de 3 de dezembro de 1963, compareceram o governador Mauro Borges Teixeira e sua digna esposa dona Lourdes, o secretário de governo Ary Demóstenes de Almeida, o coronel Clementino Gomes e sua esposa dona Célia, o jornalista Roberto Ferreira, diretor do *Jornal do Dia*, além de inúmeros intelectuais e pessoas gradas de nossa melhor sociedade.

Por fim, coube ao escritor Luiz Fernando Valadares Borges fazer a apresentação de Poemas da Ascensão. Em significativas palavras, referiu-se a Coelho Vaz como o primeiro do Grupo de Escritores Novos (GEN) a lançar oficialmente uma obra de grande importância para literatura anhanguerina.

PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO

Coelho Vaz está fazendo a sua estreia literária. Ao contrário do que comumente se verifica, não se trata de um jovem sem nenhuma experiência, uma vez que em 1959 organizou e publicou uma antologia – VULTOS CATALANOS –, que, por assim dizer, passou despercebida aos escritores de Goiás.

Agora já não é um trabalho sobre os homens de letras da sua terra, com o qual, apesar de deficiências técnicas inadmissíveis hoje em estudos antológicos e, ainda, apesar da falta de amadurecimento nas apreciações críticas, nos trouxe valiosa contribuição para o futuro levantamento do mapa cultural do estado. Desta vez é um livro de poemas, coisa muito mais séria do que se pensa. Agora não é mais o simples selecionador de textos, alheios aos problemas da criação literária, e sim o fabricante de emoções, a lidar com palavras e nelas procurando soprar a mensagem lírica que o tempo e a vida lhe vão aos poucos oferecendo.

Não fosse o conhecimento que temos do autor e o fato de sabê-lo um jovem estudante de Direito e, portando, com um porvir a ser esperançosamente conquistado, seríamos forçosamente levados, diante de alguns aspectos de seu livro, a uma concepção pessimista sobre as suas possibilidades literárias.

Segundo Austin Warren (TEORIA DA LITERATURA, Lisboa, 1962), numa obra literária pode exis-

tir “muita coisa desnecessária à sua função literária, embora interessante ou defensável por razões de outra ordem”. Não nos cabe aqui discutir quais os elementos desnecessários nem qual essa outra ordem de razões que completam a existência de uma obra literária. O que não podemos deixar de mencionar são certos aspectos intrínsecos, de ordem estilística, cuja adequada utilização enriquece e determina a permanência do poema.

No livro de Coelho Vaz o que se nota inicialmente, como fator negativo, são as inseguranças rítmicas e uma clara imaturidade imagética que, entretanto, bem observadas, nos põem em contato com um poeta insatisfeito, em busca de caminho. Um poeta à procura de *ascensão*. Se a sua temática possui preocupações sociais — às vezes falsamente sentidas, mas de qualquer modo oportunas na ventilação do problema, numa tendência natural ao comprometimento —, a forma, porém, nada de novo apresenta: está ainda na fase das experiências com o verso livre, tal como o pregaram os primeiros modernistas brasileiros. Não procurou explorar as possibilidades conotativas da palavra, nem as estruturas vocabulares, como nos poetas da atualidade. Seria, pois, um livro a mais, se o seu autor não fosse jovem e não possuísse, como sabemos, uma vontade imensa da realização.

Mas, se o livro se ressent de imperfeições, não deixa de possuir também os seus instantes de poesia. Algumas vezes o seu poema se concretiza num plano simples de comunicação, com soluções antitéticas quase à maneira dos poetas de 1922. E aí a poesia se mostra espontânea, emocional, tocada de certa angústia, que não chega a ser contudo uma filosofia amarga da existência. É, por exemplo, o caso de “Poema da ascensão”, que empresta o título ao livro. Foi evidentemente escrito muito depois dos outros, fornecendo assim maiores

dimensões e possibilidades de recriação de beleza. Há nesse poema maior especulação da imagem e verso e uma notável exploração semântica (como no caso da duplicidade significativa da palavra *foi*), que não deixam de trazer maior riqueza expressiva à transmissão poética. O sentido do verbo *ir/ser* somente se completa com o desfecho do poema nos dois últimos versos, como se pode ver numa leitura mais atenta, para o que abaixo o transcrevemos:

Foi um pássaro
e voltou.
Foi um cântico suave
e voltou.
Foi um sorriso alegre
e voltou.
Foi minha irmã para o céu
e nunca mais voltou.

Já dissemos alhures que a razão de Goiás não ter tido ainda um grande poeta está no fato de a maioria de nossos escritores começar por onde deveria terminar. Em vez de conquistas graduais de expressividade, tal como se verificou entre os maiores poetas nacionais (Bandeira, Cassiano Ricardo e Drummond), os nossos jovens, sem a aquisição de um artesanato ou uma consciência artística necessária, vão-se atirando a esmo no torvelinho poético, do qual bem cedo se desenganam como aconteceu com os outros no passado e fatalmente acorrerá conosco, se não estivermos preparados. Todos os nossos poetas – éditos e inéditos – bem cedo esgotarão as suas possibilidades de engendrar poesia, se não se imbuírem de maior responsabilidade, passando a ver o poema não como mero desfastio ou veículo de popularidade, mas como ofício sério, para

cujo exercício se faz precisa uma demanda de conhecimentos e vivências que, afinal de contas, só o tempo poderá oferecer a quem o souber muito bem aproveitar.

Acreditamos que o autor de POEMA DA ASCENSÃO, imbuído como está de esperanças literárias, saiba compreender a sinceridade do que lhe dizemos e se dê, disciplinada e meticulosamente, ao estudo de seu ofício e, principalmente, à leitura dos grandes poetas brasileiros. Não nos referimos apenas aos modernos, também os do passado devem ser lidos e estudados, para que se possa adquirir então não somente uma cultura literária, mas sobretudo uma consciência ativa da evolução poemática.

É o que esperamos, para o bem de nossas letras.

Goiânia, outubro de 1963

GILBERTO MENDONÇA TELES

POEMA DA ASCENSÃO

Foi um pássaro
e voltou.

Foi um cântico suave
e voltou.

Foi um sorriso alegre
e voltou.

Foi minha irmã para o céu
e nunca mais voltou.

JORDELINA

Jordelina
pequenina
planta flores.

Jordelina
gorduchinha
gosta de flores.

Jordelina,
uma gracinha,
brinca com flores.

Sua mãezinha
colhe agora flores
para a sepultura
de Jordelina.

POEMA AO ZÉ BOBO

Zé Bobo
era o bobo
mais bobo de Catalão.

E todos o chamavam de bobão.

A gargalhada era geral,
quando Zé passava na hora fatal
de alguma pilhéria
e como ele ria.

E todos o chamavam de bobão.
Zé construía carneira para os mortos.
Um dia ele morreu,
bem na hora que choveu.

Ninguém o chamou de bobão.

Zé Bobo não existe mais
Sua sepultura ele não fez
e assim morreu
ficando na verdadeira paz.

Zé Bobo
era o bobo
mais bobo de Catalão.
E todos os chamavam de bobão.

POEMA À PROSTITUTA

Antes não viver.
O mundo é cruel,
O mundo é ingrato.

Ontem vi a menina
pedir esmola
e um abastado negar.

Hoje sua vida mudou.
Ela cresceu
e logo criou filhos,
sem pai.

A vida é amarga,
vive ela esfarrapada,
enquanto podia ter
qualquer regalia.

Vive, porém ela mendigando
e as filhas prostituindo.

Sem nada
Sem tédio.

Sem família.

Sem carinho.

POEMA AO ÍNTIMO

Um dia perguntei ao vento
porque corria.
Nada me respondeu,
apenas sorria
e de ventos ao meu
rosto assoviando
ia-se levando
a vida.

POEMA DAS LÁGRIMAS

Rola uma lágrima
grossa dos olhos
da mãe
sem filho.

Rola uma e muitas outras.

Os suspiros ecoam entre ais.

Assim como lágrima
não regressa,
o filho
nunca mais.

POEMA À MOÇA PURA

Simples e sedutora
é Maria Auxiliadora.
Cabelos compridos,
sorriso sereno
e rosto moreno.

Lábios de mel,
raivosa como cascata.
Um dia a encantadora
Maria Auxiliadora
não sorria pra mim.
Foi com grande dor,
que morreu para sempre
aquele amor puro.

POEMA À SAUDADE

Amor.

Alegria.

Tédio.

Depois:

Saudade,
melancolia
sem remédio.

Resumo:

Gostar,
viver
e amar.

POEMA À CHUVA

O barquinho corre
na enxurrada
pela água lenta
e calada,
fazendo lembrar
os meus tempos de criança,
quando a minha infância
era sorriso e festa.

Rubens era meu amigo.
Menino gordo e sereno,
afável e moreno.
Quando falava, nitidamente vão seus olhos puros
como um céu anil escuro
tudo pueril.
O barquinho vai e volta.

A enxurrada vai, mas não volta.
Rubens foi,
quando a juventude
lhe era agradável.
Não queria ir.
Depois,

voltaram só saudades
e
nada mais.

POEMA À EXISTÊNCIA

Vi a natureza.
O pôr do sol.
A alegria da criança,
que sorri candidamente.

Vi a beleza
de um amor puro
de uma mãe
que beija
o filho.

Vi a torrente
chuva
que cai
na corrente
água do mar.
Parecendo voar
como pássaros
no firmamento.

Vi árvores que crescem
e morrem.

Vi belezas
nas clarezas
do sol.

Vi o mar revolto
que solta espumas.

Vi o brilho nos olhos
dos animais
que crescem
pelas florestas.

Vi a beleza
desta natureza.
O rio cortando a terra,
os montes
e serras.

Vi nuvens
escuras,
claras,
alvas
e puras.

Vi belezas
e aprendi assim
na pureza da alegria
como conscientemente
devo viver.

POEMA AO DESESPERO

A terra é escura
a natureza é feia
o mundo é mau.

Se existe um Deus,
se existem matas,
se existem amigos.
Por que tenho medo?
É o desespero
de uma humanidade
que chora,
que sofre
e que é sensível.

Mas em tudo isto
é o medo.
É o medo que tenho
de um dia
em deixar de viver.

POEMA À VORACIDADE DA TERRA

A terra é má
o chão é mau.
Assim como no vale
das trevas
existe o medo,
tenho medo da terra.

A terra come tudo.

Come as árvores belas e frondosas.
Devora animais.
Engole a pura água da chuva.

A terra come tudo.

Come as palavras
e os escritos mais belos
de um sonhador poeta.

A terra come tudo.

Come a pureza da moça.

O egoísmo do rico.
A humildade do pobre.

A terra come tudo.

Come a solidão,
a tristeza
e a beleza.

A terra come tudo.

Come os animais.
Come a humanidade.
Come você
e um dia
me comerá.

POEMA À MINHA COZINHEIRA

Dona Bertolina
é feia,
é preta.

Dona Bertolina
é boa,
é velha.

Dona Bertolina
é magra,
é baixa.

Dona Bertolina
é desdentada,
é calada.

Mas, se não fosse
dona Bertolina,
eu não me alimentaria.

POEMA À MARIA HELENA

Maria Helena
é morena.
Morena e bonita,
que até supita
uma beleza
de clareza
solitária.

Maria Helena
é serena.
Serena e calma,
que sua alma
jamais
entre ais
nos irá separar.

Maria Helena
é um poema.
Poema e sedutora,
tal qual imagem criadora
de minha ilusão.
Ficando ela para sempre
em meu coração.

POEMA A UMA CRIATURA

Dê-me sua mão.
A despedida é cruel
tal qual o pôr do sol
e nós, quem sabe,
não iremos nos encontrar.

Dê-me sua mão,
uma vez mais.
Porque assim jamais
irei esquecer-la
quando estiver longe de você.

Dê-me sua mão,
que me lembrarei
do primeiro beijo
e de saudades ainda vejo
as folhas mortas caindo
das velhas árvores.

Dê-me sua mão,
que meu coração
nunca se esquecerá de você.

POEMA À MÃE PRETA

Mãe Preta
era minha mãe de infância
e, quando criança,
ela me contava lindas histórias.

Mãe Preta,
gostosamente ria alto
e de um salto
carinhoso
acalentava-me.

Mãe Preta,
eu chorei muito quando partiu.
Você sumiu.
Por quê?

Mãe Preta sumiu.
Foi para outra fazenda,
bem longe de minha tenda
e nunca mais a vi.

E nunca mais a vi.

POEMA ÀS MÃES

Mãe é uma noite serena
de deserto puro.
De estrelas.
De cascatas
e de silêncio.

Mãe é um lar de lágrimas
de um filho
das felicidades
de saudade.

Mãe é um céu de bonança
de alegria
e de nostalgia.

Mãe é um coração
que colhe a multidão
de filhos,
enchendo-lhes
de vida
e de graça.

POEMA À TERRA SECA

Peço-lhes o silêncio
por tudo que a terra dá.
Falo pelos que lutam
no Ceará.

Lá não chove
mas tem lar
dos pobres
que sofrem,
lutam
e morrem
pela sequidão do Ceará.

Choro da fome
é como um grito
que corre o luar
batendo no infinito
e ecoando no mar,
mas do meu Ceará
apenas das misérias
me posso orgulhar.

POEMA À GUERRA

Choro, lágrimas,
gemidos.
Homens de pé,
outros caídos.

Espelha pelo chão
a grande solidão
de luta feraz.

Arrasando serras,
montes, cascatas
e planícies.
Enquanto jovens
na velhice
veem aquele passado horrendo.

Choro, lágrimas
na terra.
Bombas, relâmpagos
de guerra.

POEMA A UMA CERTA MUSA

Inspirei-me no sol,
na lua,
na chuva,
na claridade
e na maldade.

Mas, quando escrevi,
apenas vi
gerações
e canções
que lamentam
e choram
uma certa musa
que pelo desejo vai.

Que pelo deserto vai.

POEMA A UMA CANÇÃO DA FOME

Céu azul,
tarde negra.
Alma pura
de candura
fome.

Sol irradiante
de gente
que passa fome
com ar comediante.

E, depois,
a terra clama
numa maldita guerra
de não ter dele
o que comer.

Apenas,
céu azul.
Tarde Negra.

POEMA A CERTA CANÇÃO TRISTE

O suspiro de um cão
é como eco
de dor,
que passa
por vales,
levando os males
de donzelas puras,
cujo pudor
fugiu.
Sumiu.
Levando consigo
a marca
da leviandade
das maldades
dos homens.

POEMA À ETERNIDADE

A guerra é luz
em notas musicais.
Toda ela traduz
as sonoras cantigas
de agrupamento das cotovias.
A guerra é alegria
de movimento triste,
onde nenhum ser resiste
cantar ao sol nascente,
pois lá não existe sol.
Há muita luz
por onde passa a cruz
de cada batalhador.
Chove labaredas e fogos
nas eternas realidades.
Passam na guerra dores e dias
que vão para a eternidade.

POEMA A UM QUASE FETO

No choro condoído da criança
em que a fome empresta,
ouvem-se lamentos de rãs
que por calor detesta
as suavidades dos rios.
A miséria convalescente
jorra angústia nas tulipas puras
que não tem culpa
de ser filho de ninguém.
A lua se esconde
ao ver o pranto
da menina sem lar.
– “Ó lua, grita ela,
será que não posso amar?”
A menina ama o capim,
o estrume e a esmola.
Em cada caso dão algo de comer
para saciar a guloseima,
que morre sem ver o Além,
só por ser filha de ninguém.

POEMA À MINHA RUA

Minha rua parece moça.

Tem formas de violão,
tem coxas roliças,
tem bom coração,
mas não amiza a dor
daqueles sábios
que apenas querem pudor.

Minha rua é egoísta,
deserta e pura.
Por lá passam
carros de bois,
pedestres e animais.
À tarde ao sol pôr,
ouvem-se notas musicais
da rua moça e virgem.

POEMA À TRAGÉDIA

O rico chora
a grande tragédia
de perder a colheita.

Tragédia ele
nunca sentiu
nos problemas.

O humilde tem tragédia
pois a maior delas,
em que germina
ao seu derredor,
é a mísera fome.

O rico
um dia comerá
inteiramente o pobre,
pela simples tragédia
de viver.

POEMA A UMA CERTA MULHER

O homem vive,
mas não resiste.

Vê a felicidade
e não sacia a fome.
É uma nulidade
de emaranhados
pensamentos crus.
Passam virgens
e imagina-as
em seu porte febril,
delírio nu.
Ama-a.
Deleita-a.
Porém solta
seu carmim
aos outros,
mas sempre sorrindo
volta quietinha pra mim.

O homem vive
mas não resiste.

POEMA À IRRESPONSABILIDADE

Sou nada.
Sou pequeno
que vagueio
por todo espaço.

Sou uma ave
preso na gaiola.
Vejo os passos
acelerados do mundo,
mas não posso acompanhá-lo.

Sou pequeno
em relação
aos grandes.

Em breve
serei alguém
como qualquer pessoa,
pois ninguém
viverá no mundo
como eu viverei.

Terei regalias
como qualquer ser.
Terei honras
sem nenhum sofrer.

Meus pais são ricos
e nada temo.
Sou pequeno,
que vagueio no espaço.

Há três meses que vivo.
Sou quase ninguém,
mas tenho formas de alguém.
Tenho tudo de um ser.
Existo interno
e terei tempo de viver.
No universo
e serei alguém,
assassino ou santo,
vagabundo ou moralista,
preto ou branco,
avaro ou humanista.
Porém nada sou.
Sou um embrião
nascido de confusão.
Tenho tudo de um ser.
Existo interno
e sei que
não terei tempo
de viver.

POEMA AO ENCONTRO

Sou eu e o luar.
É a prostituta e a noite.

É a noite existente
que caleja um vintém.
É o olhar de desejos
à procura de alguém.

É a prostituta e eu.
É o luar e a noite.

POEMA A UM SONHO

O silêncio é penetrante
na alma de um pobre,
como um pensamento que penetra
nas paredes nobres
de um palácio sem encantamento.

É noite
e noite profunda.

O pobre quer ser estrela,
ou então nuvem.
Queria ser sábio,
ou então filósofo.

O além devora a noite,
a noite devora a lua,
a lua devora as nuvens.

No céu as estrelas nuas
mostram a vergonha
ao pobre que apenas sonha.

POEMA AO GRITO

São mãos pedindo prece
que crescem
na amplidão.

São orações que clamam
a chama
de uma tristeza infinita.

São flores que choram a luz
de um cruz
que o povo carrega.

É a voz do povo
pedindo socorro
de não estar contente com a vida.

É o grito
de uma massa
que ecoa no infinito.

POEMA DA PERDA

Ao tom funeral do ataúde,
passas lentamente e fria,
em viagem à última morada.

Levo flores.
Levo rosas,
eu possa suspirar
palavras amorosas.

E naquele punhado de chão
há flores.
Tem meu coração
e meus amores.

POEMA À RUA DAS LÁGRIMAS

A rua das Lágrimas
era de grande odor.
Mas esta rua era pura
como uma flor.

Todos que por lá passavam
não deixavam de esmolar
um sorriso,
um olhar,
um dinheiro
ou um pensamento.

E a cada momento
as lágrimas escorriam
pelos meios-fios
indo paralisar
no final da rua,
onde morria.

A rua das Lágrimas
não era solitária.
Era forte como
uma muralha.

Ali era a maior fábrica,
onde predominavam
as mais belas
de todas as cadelas
a mendigar tostões.

Um palavrear cântico.
Um sorriso sarcástico.
Um olhar brando
inspira toda aquela dor.

A rua das Lágrimas era pura,
pura como a flor.

POEMA À MOÇA DE MONTE CARMELO

Ontem a vi mui bela
com os sapatos à tarantela.

Carmelitana eu a encontrei
com os olhos rasos d'água,
que deveras chorei.

Carmelitana eu a abracei
com grande furor
e em seus ombros dormitei.

Ontem a vi mui bela
com os sapatos à tarantela.

Carmelitana partiu
e eu fiquei
chorando, que só eu sei.

Carmelitana, por Deus, lhe peço
volte ao mesmo lugar,
que jamais deixarei de amar.

Ontem a vi mui bela
com os sapatos à tarantela.

POEMA DOS DESENGANOS

Minha alma é branda
como a água
serena da brisa.

É tão leve
como nota amorosa
em que se frisa,
uma dor lastimável.
É tão pura
como ósculo amável
de uma linda criatura.

Minha alma vai
pela correnteza atroz
em busca de um amor.
Minha alma vem
numa solidão imensa
trazendo apenas dor.

POEMA À MENINICE EM IPAMERI

Na minha insignificância,
quis eu
fazer um poema.
Poema
em que retratasse
minha infância.

Relembrei
os tempos ditosos,
quando por Ipameri
passei os dias melhores
da recalçada meninice,
onde os rios
brotavam com meiguice.
Assim como o tempo
passa a correr,
lembro-me em reminiscências
que jamais posso esquecer.

E o poema foi feito,
bem como meus sonhos
foram desfeitos.

E nessa paixão doce
e querida,
aprendi apenas
amar mais a minha vida.

POEMA AO MEU NASCIMENTO

Nasci pequeno,
numa pequena
cidade.

Nasci por casualidade.

Não foi numa manjedoura
mas criei-me
com a preta velha
que vivia
em nossa casa.

Quando nasci,
meus olhos eram para olhar
e não olhei.
Bem sei,
que vim para sonhar.

Nasci pequenino,
numa pequena
cidade.

Lá como eu outro lugar,

nasceria por casualidade.

Geraldo Coelho Vaz, o mais atrevido golano que conheço, veio das bandas de Catalão, todo ligeirinho com "hom dias" ponteagudos, tumultuando as aulas de qualquer modo, às vèzes até pelas faltas, já trazendo de seu burgo a experiência de "Vultos Catalanos", antologia de filhos da terra onde nascera. Durante a vida universitária publicou e lançou "Poema da Ascensão", livro de poesias. Como dantes e hoje, participa e colabora para as letras em Goiás.

Menção ao livro *Poema da ascensão*, de Geraldo Coelho Vaz, no artigo "A Faculdade de Direito...", publicado no jornal *O Popular* de 5 de janeiro de 1969.

Fonte: Cedoc/O Popular.

O G. E. N. é um grupo de jovens que nasceu numa época em que passava o ambiente cultural de Goiás, por uma crise de mesmismos em que poucos e os de sempre militavam no mundo das letras. Raros eram os lançamentos de livros e a preocupação de inovar e de estudos literários eram reduzidas e pouco. Por coincidência, ou não, o fato é que houve uma espécie de ressurgimento nas letras e um encaminhar-se para voos mais ousados e audazes. Discutido, apoiado, combatido, mas atuante, além de propor uma muito necessária crítica de revisão de valores, continua persistindo no tempo e nas realizações:

I POEMAS DA ASCENSAO — Geraldo Coelho Vaz.

Menção ao livro *Poema da ascensão*, de Geraldo Coelho Vaz, no artigo "Instante de livros", de Luiz Fernando Valladares, publicado no jornal *O Popular* de 4 de junho de 1967.

Fonte: Cedoc/O Popular.

POSFÁCIO
“UM POETA À PROCURA
DE ASCENSÃO”

NELSON MARTINELLI FILHO

OLLIVER MARIANO ROSA

Geraldo Coelho Vaz começou, na juventude, a intensa atividade cultural que caracteriza sua trajetória no estado de Goiás. Em agosto de 1959, quando contava com apenas 18 anos, publicou sua primeira obra, *Vultos catalanos*, na qual apresentou uma antologia e um breve estudo sobre personagens literárias de Catalão/GO em comemoração ao centenário desse município goiano. Alguns anos depois, em setembro de 1963, lançou seu livro de estreia na poesia, *Poema da Ascensão*. Na ocasião, era um estudante de Direito de 22 anos, recém-chegado à capital, vindo do interior do estado.

Foi nesse mesmo ano que ele, em associação com outros jovens escritores, criou o Grupo de Escritores Novos (GEN). Esse grupo agremiou vozes que almejavam induzir inovações à literatura goiana, sintonizadas com o movimento literário nacional e internacional, como relembra Bernardo Élis (1994, p. 15), ao dizer que o grupo “inovou diversos aspectos da literatura em Goiás, quiçá no Brasil”. Adiante, o escritor goiano celebrado nacionalmente assinala: “Desde cedo foi o grupo influenciado pelas teorias e técnicas literárias em

voga, o que faltou às gerações anteriores, para as quais inexistiam estudos literários tão importantes” (ÉLIS, 1994, p. 15, grifo nosso). Aquele que foi eleito o patrono da agremiação juvenil — é possível supor a razão para tanto — não hesita em louvar os feitos dos neófitos das letras goianas, os quais se valem da chancela do prosador para agregar capital simbólico à sua empreitada criativa deles.

A atuação do GEN refletiu um conjunto de mudanças que se apresentavam como possibilidades de circulação, divulgação e consumo da literatura em Goiás, ao mesmo tempo que se constituiu como uma articulação entre jovens escritores em tensão com o instituto literário estabelecido no estado. Sensíveis às novas perspectivas literárias, seus integrantes intervieram no cenário cultural da capital goiana por alguns anos da década de 1960. É de junho de 1967, quatro anos após a criação do grupo, o artigo “Instante de livros”, em que o escritor Luiz Fernando Valladares trata de sua importância:

é um grupo de jovens que nasceu numa época em que passava o ambiente cultural de Goiás por uma crise de mesmismos em que poucos e os de sempre militavam no mundo das letras. Raros eram os lançamentos de livros e a preocupação de inovar e os estudos literários eram reduzidos e poucos. Por coincidência, ou não, o fato é que houve uma espécie de ressurgimento nas letras e um encaminhar-se para voos mais ousados e audazes. *Discutido, apoiado, combatido, mas atuante, além de propor uma muito necessária crítica de revisão de valores, continua persistindo no tempo e nas realizações* (VALLADARES, 1967, p. 10, grifo nosso).

Nas relações político-culturais ativadas pelo GEN, há apoios, porém interpõem-se, sobretudo, discussões e combates, aos quais seus membros respondem com posicio-

namento crítico aos valores vigentes, com evidente postura de enfrentamento. Na sequência, o autor lista as publicações do grupo, entre as quais a primeira é *Poema da Ascensão*. A efervescência desse movimento explica em parte o fato de o lançamento da obra de um autor estreante ter alcançado tanta repercussão naquele momento. Além de ter suscitado comentários em vários jornais goianos, o evento da estreia se notabilizou pela presença de muitas autoridades, inclusive do governador da época, Mauro Borges, e de sua esposa.

Por mais alheia à leitura da obra que possa ser tomada a apresentação do contexto de produção, não se pode negar que, na ponderação do sucesso de uma estreia, pesa em grande medida a habilidade do escritor em obter o endosso positivo daqueles que detêm o controle do campo literário, o qual, como afirma Bourdieu (1996, p. 262), caracteriza-se como “um campo de forças a agir sobre todos aqueles que entram nele, e de maneira diferencial segundo a posição que aí ocupam [...], ao mesmo tempo que um campo de lutas de concorrência que tendem a conservar ou a transformar esse campo de forças”. Unido a seus pares, Coelho Vaz reconhece com quais dessas forças terá de travar uma luta para poder acessar o espaço da literatura. Sinaliza esse reconhecimento a inclusão do prefácio de Gilberto Mendonça Teles na publicação. A palavra de uma figura notável no campo, ainda que desfavorável em alguns aspectos (como veremos adiante), funciona como chancela para a assunção de uma nova posição em potencial. O prefaciador, nesse caso, enfileira ressalvas à obra, no entanto, cá e acolá, pincela uma carta de recomendação, imputando feitos promissores ao autor, que, em um aparente gesto de humildade, submete-se ao crivo de uma autoridade para receber

dela o aval necessário à sua iniciação literária. Cumpre-se, assim, a sentença de Antonio Candido (2006, p. 83, grifos do autor), de que

o escritor, numa determinada sociedade, é não apenas o *indivíduo* capaz de exprimir a sua originalidade (que o delimita e especifica entre todos), mas alguém desempenhando um *papel social*, ocupando uma posição relativa ao seu grupo profissional e correspondendo a certas expectativas dos leitores e auditores. A matéria e a forma de sua obra dependerão em parte da tensão entre as veleidades profundas e a consonância ao meio, caracterizando um diálogo mais ou menos vivo entre criador e público (CANDIDO, 2006, p. 83, grifos do autor).

Embora sejam facilmente detectáveis as “inseguranças rítmicas” e a “imaturidade imagética”, como atesta Teles (1963), trata-se de evidências do exercício de “um poeta insatisfeito, em busca do caminho”. Entre as possibilidades de encaminhamento nesse percurso, há o trânsito entre papéis sociais em um campo literário atravessado por disputas, ao mesmo tempo que se processa a passagem da juventude à vida adulta: o antologista principiante do interior persegue seu lugar como poeta reconhecido no meio cultural da capital. Em *Poema da ascensão*, encontra-se num entrelugar, no espaço de hesitação e ambiguidade entre essas duas dimensões: separa-se do mundo marcado pela presença (ou pela ausência) de figuras da infância e da adolescência e procura integrar-se ao jogo de posições e expectativas engendrado pela resistência de leitores e, especialmente, de auditores do mundo profissional.

1 POEMA DE UMA PASSAGEM

Embora evitemos imprimir à leitura de uma obra literária uma chave simples de influxo entre a vida do sujeito civil e a criação do sujeito autor, não podemos dispensar, no caso de Coelho Vaz e seu livro inaugural, informações biográficas que, por certo, nos ajudam a compreender recorrências temáticas e mesmo sondar o fundo das fragilidades estilísticas, na medida em que cabe divisar a publicação dessa coletânea de poemas como marco de uma espécie de rito de passagem. Nesse sentido, supõe-se haver entre *Poema de ascensão* e as vivências de seu criador um laço bastante definidor, a ponto de a escrita se apresentar como um processo de elaboração da empiria e de sua transformação estética, o qual, por incompleto, termina por impactar o resultado plasmado na forma poética. Veja-se esta rememoração de Coelho Vaz acerca da época da publicação:

Quando saí de Catalão, no dia 11 de fevereiro de 1962, pensava que meu destino seria Goiânia e o sonhado curso de Direito. [...] Depois, imaginava, quando formado, poderia voltar a morar em Catalão, o que nunca mais aconteceu, pois que a vida sempre leva a gente para onde bem entende. Um ano depois, em 63, a literatura já tendo despertado em mim seus vulcões avassaladores, fundei, ao lado de Aldair da Silveira Aires, Tancredo Araújo (artista plástico), Ciro Palmerston Muniz, Yêda Schmaltz e Edir Guerra Malagoni, o GEN – Grupo de Escritores Novos. Éramos seis idealistas com pretensões de mostrar para Goiás e ao Brasil nossos trabalhos e, através da arte, interferir e participar mais ativamente no seu dia a dia (COELHO VAZ, 1994, p. 143).

Nesse relato, escrito trinta anos após a criação do GEN, observamos elementos que indiciam o trânsito vivenciado pelo depoente, como assinalado, anteriormente entre dois momentos de sua trajetória, o que, se recuperados os termos de Van Genep (*apud* TURNER, 1974, p. 116), implica o comportamento simbólico de separação de determinadas condições sociais em direção à reagregação posterior em uma nova estabilidade. Não seria, pois, absurdo considerar essa encruzilhada literário-social como uma manifestação possível de ritos de passagem, no sentido de que estes, de acordo com Lamas e Rech (1999, p. 148), “permitem ao indivíduo romper, quebrar, abandonar, perder estados, condições, situações, visando a seu ingresso em outra etapa ou nível social, passando de uma situação social profana para outra, sagrada”. O lançamento da primeira seleta poética de Coelho Vaz conforma, assim, mais que o apaziguamento dos “vulcões avassaladores” da literatura, já que o evento está cercado de negociações de valor inerentes à tentativa de aceitação e integração do escritor em um novo meio social não pelo apoio de seus pares, mas pela ação dos agentes possuidores de capital cultural para avalizá-lo. Não parece circunstancial, portanto, a conjunção de capital social e simbólico que contribuiu para garantir sucesso à recepção dos leitores e dos auditores dos dois mil exemplares impressos. Ao jovem Geraldo coube a atenção reservada não apenas a um estreante, haja vista que essa posição estava atravessada por outras: a de chefe de cerimonial do Palácio do Governo, a de membro de uma efervescente agremiação cultural e, por fim, a de um “poeta insatisfeito” reconhecido por um célebre crítico. O que sugere o arremate de valiosas conquistas no âmbito social – sobretudo para um moço recém-chegado à capital – revela-se sua indefinição no âmbito literário. Nessa diferença localiza-se uma das fraturas entre vida e obra: enquanto aquela revela uma

eficiente articulação sociopolítica do sujeito empírico, desta desvela-se uma construção inconclusa de uma *persona* poética. Entre uma situação e outra, o sujeito ritual encontra-se num período de intermédio, liminar, que se caracteriza exatamente por atributos carregados de ambiguidade. Aquele que é defendido por um companheiro de grupo contra possíveis detratores, que o tratariam com ironia – Luiz Fernando Valladares lhe ofereceu apoio e amizade no discurso proferido na noite de autógrafos em dezembro de 1963 (DE PAULA, 2003) –, é o mesmo que introduz as suas páginas de estreia com a recomendação sinceramente duvidosa de uma glosa por muito pouco pessimista. O encontro dessas situações algo contraditórias nos remetem ao que Turner (1974, p. 118) atribui às entidades liminares:

Seu comportamento é normalmente passivo e humilde. Devem, implicitamente, obedecer aos instrutores e aceitar punições arbitrárias, sem queixa. É como se fossem reduzidas ou oprimidas até a uma condição uniforme, para serem modeladas de novo e dotadas de outros poderes, para se capacitarem a enfrentar sua nova situação de vida. Os neófitos tendem a criar entre si uma intensa camaradagem e igualitarismo.

Essa remissão guarda contatos com a condição de Coelho Vaz naquele momento, visto que ele, ante a ameaça de inimigos, poderia “contar sempre com a amizade do GEN”, grande e sincera, e com seus préstimos, mesmo que fracos, (VALLADARES *apud* DE PAULA, 2003, p. 49), contudo não recusa as advertências de Teles – ele mesmo um dos severos críticos do GEN – quanto ao amadurecimento intelectual e literário por meio do estudo do ofício e da leitura da obra dos grandes poetas.

À parte tais indícios, pinçados entre dados biobibliográficos externos ao texto, vale-nos mais a análise da obra à luz da compreensão de Turner (1974) sobre o entremeio do processo ritual. Se na história pessoal identificamos fatos bastante coerentes com o conceito de liminaridade, na construção poética também podemos relevá-lo, sobretudo porque essa condição “é frequentemente comparada à morte, ao estar no útero, à invisibilidade, à escuridão, à bissexualidade, às regiões selvagens e a um eclipse do sol ou da lua” (TURNER, 1974, p. 117). Em vários poemas, localizamos elementos simbólicos liminares referentes a esses aspectos. Vejamos alguns exemplos. No “Poema a um sonho”, assistimos a este banquete eclíptico: “O além devora a noite, / a noite devora a lua, a lua devora as nuvens”; um pouco antes, a cena onírica é mergulhada numa “noite profunda”. A imagem comensal comparece também ao “Poema à voracidade da terra”, que constrange com a crueza do dito: “A terra come tudo. // Come os animais. / Come a humanidade. / Come você / e um dia / me comerá”. No “Poema ao encontro”, testemunhamos uma alternância quase sensual destes pares: “Sou eu e o luar. / É a prostituta e a noite. [...] É a prostituta e eu. / É o luar e a noite”. No tema da prostituição subjaz, em “Poema à prostituta” e “Poema a uma certa mulher”, a percepção da invisibilidade no trato desprezível concedido por homens a mulheres, o que repercute, de forma similar, na relação entre ricos e pobres, como em “Poema à tragédia” – em que se vê, mais uma vez, uma espécie de canibalismo: “O rico / um dia comerá / inteiramente o pobre, / pela simples tragédia / de viver”. O movimento de identifica-

ção do sujeito lírico com o invisível adquire sutileza no “Poema ao íntimo”, em que à indagação do eu o vento responde apenas com o sopro da transitoriedade da vida. Esta refluí, muitas vezes, à sua gênese. O retorno ao estado no útero se materializa nas menções à maternidade, que surge em “Poema à minha cozinheira”, “Poema à Mãe Preta” e “Em poema às mães”. Neste último, a figura materna aparece associada ao escuro e ao inóspito, aliados pelos adjetivos que os acompanham: “Mãe é noite serena / de deserto puro”. Esses dois sentidos caracterizam a percepção do espaço em “Poema ao desespero” (“A terra é escura / a natureza é feia / o mundo é mau”) e à inspiração recebida da ambiência em “Poema a uma certa musa” (“uma certa musa / que pelo desejo vai. // Que pelo deserto vai”). Essa vinculação com o seio uterino está também no título de “Poema a um quase feto”, mas, sobretudo, em “Poema à irresponsabilidade”, no qual, fora uma provável reprovação moralizante ao aborto, notabiliza-se a metamorfose do sujeito em embrião, forma latente que corporifica a indeterminação da existência liminar: o anseio de ser (“Em breve / serei alguém / como qualquer pessoa”), a incerteza de ser ou não ser (“Sou quase ninguém, / mas tenho formas de alguém”) e o prenúncio do deixar de ser (“Existo interno / e sei que / não terei tempo / de viver”). Entre todos, certamente, sobrelevam-se os índices simbólicos da morte. O estado de transitoriedade refrata na conformação da obra como tal, o que se desvela na recorrência temática que lança o leitor ao sentimento de um luto vacilante, cujas sombras habitam um universo atravessado pela lamentação diante de perdas de diversa ordem.

2 ASCENSÃO DE UM LUTO INACABADO

À primeira vista, o título do livro de estreia de Coelho Vaz encena possíveis leituras e conjecturas a partir da acepção de seus vocábulos. Ascensão, registram os dicionários, indica o ato ou o efeito de ascender, num sentido de elevação. Já nos termos da metáfora judaico-cristã, denota a subida de Jesus Cristo ao céu após sua ressurreição. Em uma terceira via, acrescenta-se o significado de promoção, atrelado a posições de poder, de dignidade. Tomando como ponto de partida o fato de que *Poema da ascensão* circunscreve o poeta no lugar de debutante, não parece arriscado, numa chave interpretativa já indicada por Teles (1963, p. 10) no prefácio à obra, vislumbrar o movimento que lança o estreante escritor à busca de um posto – sua *ascensão/elevação* – em meio ao circuito literário de sua época. Destaque-se, nessa perspectiva, que a primeira palavra do título se encontra no singular, *poema* em vez de *poemas*, como num termo-valise que contempla não apenas o poema homônimo em si, mas também, metonimicamente, sua própria produção poética.

Com a obra em mãos, o leitor logo se dá conta da relevância do título ao percorrer o prefácio de Teles, que garante ao “Poema da ascensão” um valor de destaque e intui que tenha sido “escrito muito depois dos outros, fornecendo assim maiores dimensões e possibilidade de recriação da beleza” (TELES, 1963, p. 11). Sintomático de sua importância para o conjunto, o poema ocupa a posição de abertura do livro, o que amplifica sua força diante do gesto que intenta, seria suposto, ascender o poeta.

Poema da Ascensão

Foi um pássaro
e voltou.

Foi um cântico suave
e voltou.

Foi um sorriso alegre
e voltou.

Foi minha irmã para o céu
e nunca mais voltou.

Teles, ainda no prefácio, não se abstém de destacar que o poema apresenta uma “maior especulação da imagem e verso e uma notável exploração semântica” (1963, p. 11), aludindo à ambiguidade que se pode observar no verbo *foi*, com os virtuais sentidos apoiados nas formas infinitivas *ser* e *ir*. Ao arrematar o último dístico de modo a garantir um sensível sentido de partida em referência à morte da irmã, Coelho Vaz desliza o termo para a metáfora bíblica e se vale da acepção de *ascensão* como “subida aos céus”. A morte no poema, então, adquire um tom eufemístico – algo na esteira da “Indesejada das gentes” bandeiriana –, concatenada a imagens leves e ternas (ser e/ou lançar um pássaro, um cântico suave, um sorriso alegre), que contribuem para a aura etérea que compõe a imagem da irmã. Sob certo viés, ascender, nesse sentido, sintetiza de maneira ambígua a elevação em índice, se se pode afirmar, *imaterialmente* positivo (subida de posto, promoção, ir para o céu, adentrar no paraíso

reservado às pessoas boas etc.) e *materialmente* negativo, uma vez que a morte, a despeito das metáforas místico-religiosas, encerra qualquer chance de ascensão em vida.

No avançar do livro, a mesma temática ecoa nos dois poemas seguintes, “Jordelina” e “Poema ao Zé Bôbo”, como indício de que possa ocupar um lugar de destaque na poética de estreia de Coelho Vaz:

Poema das lágrimas

Rola uma lágrima
grossa dos olhos
da mãe
sem filho.

Rola uma e muitas outras.

Os suspiros ecoam entre ais.

Assim como lágrima
não regressa,
o filho
nunca mais.

Assim como em diversos momentos do livro, a perda de algo ou de alguém se torna latente em “Poema das lágrimas”, porém desta vez o poeta passa à posição de espectador diante do sofrimento do outro. Na medida em que consideramos o luto não finalizado como um grande tema literário, a ocorrência da rima *ais / nunca mais* chama a atenção, uma vez que

reverbera a célebre tradução de Fernando Pessoa¹ de um dos mais conhecidos poemas da literatura ocidental, “The raven” (“O corvo”), de Edgar Allan Poe, publicado originalmente em 1845. Neste, em termos sintéticos, um sujeito lamenta a perda de sua amada, Lenore, ao ser visitado por um corvo que repete “*nevermore*” (“nunca mais”), como signo da impossibilidade de reencontrar o objeto de amor perdido e, ao mesmo tempo, de se livrar dessa memória que reiteradamente o atormenta. Em “Poema das lágrimas”, o processo incompleto de luto é similar, visto que a lágrima – que surpreendentemente é posta em foco na cena –, como o corvo, opera uma repetição que sinaliza, simultaneamente, o pesar incessante da mãe e a impossibilidade do retorno do filho.

A poética de Coelho Vaz em *Poema da ascensão* converge tanto a temática lírico-amorosa, envolta em imagens e metáforas por vezes pouco originais, quanto as inquietações que frequentemente descambam para sofrimentos oriundos de variadas fontes. Nesse sentido, nota-se em seus poemas um desencanto – ou desengano – frente a questões intransponíveis da vida, o que soa completamente plausível se levarmos em consideração o contexto de produção da obra, inserida no cenário histórico-político-social do Brasil na década de 1960, e a faixa etária do autor.

Evidentemente, devemos ter em vista que nesse mesmo período as tensões políticas culminaram no golpe civil-militar de 1964 e fomentaram uma produção poética mais engajada (e um tanto melancólica) em diversos pontos do país. Tais traços podem ser detectados nos versos de Coelho Vaz, como se observa em “Poema à guerra” (p. 54-55), em que re-

¹ P. ex.: “E a única palavra dita foi um nome cheio de ais – / Eu o nome disse, o nome dela, e o eco disse aos meus ais” (POE, 2011, p. 44)

toma, sem inovar na abordagem do tema e na estética, uma tópica comum desde a década de 1940.

É notável que o jovem poeta ainda esbarrava no sentimento de perda, sem apresentar uma saída que não fosse a dor e o lamento. Se, por um lado, ele se lança à vida em direção ao que lhe aparenta positivo, por outro, o projeto de felicidade plena está *a priori* em desacordo com o mundo, já alertava Freud em *O mal-estar na civilização*, e as possibilidades de cumprir tal programa são restritas por nossa própria constituição como sujeitos em sociedade:

O sofrer nos ameaça a partir de três lados: do próprio corpo, que, fadado ao declínio e à dissolução, não pode sequer dispensar a dor e o medo, como sinais de advertências; do mundo externo, que pode se abater sobre nós com forças poderosíssimas, inexoráveis, destruidoras; e, por fim, das relações com os outros seres humanos. O sofrimento que se origina desta fonte nós experimentamos talvez mais dolorosamente que qualquer outro; tendemos a considerá-lo um acréscimo um tanto supérfluo, ainda que possa ser tão faticamente inevitável quanto o sofrimento de outra origem (FREUD, 2011, p. 20).

Coelho Vaz se empenha no livro em engendrar uma dimensão eminentemente lírica sobre diversas modalidades de perdas. Desse modo, acompanhamos o poeta na maneira como tematiza: a) a perda de um ente próximo (“Poema da ascensão”) ou a perspectiva sobre terceiros (“Jordelina”, “Poema das lágrimas”); b) a experiência do outro com a morte (“Poema ao Zé Bobo”); c) a perda de condições materiais e afetivas da vida (“Poema à prostituta”); d) a perda do amor do

outro (“Poema à moça pura”) além de e) matizadas formas despedidas (“Poema a uma criatura”, “Poema à mãe preta”, “Poema a uma certa musa”, “Poema à moça de Monte Carmelo”, “Poema dos desenganos”).

Poema da Perda

Ao tom funeral do ataúde,
passas lentamente e fria,
em viagem à última morada.

Levo flores
Levo rosas,
eu possa suspirar
palavras amorosas

E naquele punhado de chão
há flores.
Tem meu coração
e meus amores.

Observe-se no poema acima que mais uma vez o campo simbólico se compõe de elementos de rituais funéreos, aos quais historicamente se atribui a importante função de iniciar o processo de luto, demarcando de maneira efetiva a perda do objeto, ao mesmo tempo que garantem um tratamento mais atenuado para a morte, agora ilustrada como “a última morada”. O que se perde em “Poema da perda”, porém, não é, ao contrário do que aparenta inicialmente a partir dos significantes fúnebres, a vida de uma pessoa, mas o coração e os amores do sujeito. O luto deixa de ser sobre quem morreu e se desloca para o corpo do próprio poeta, sobre seu

coração, de forma que o sofrimento incide também sobre aquilo de si mesmo que se perdeu. O poeta, portanto, margeia sintomas da melancolia, em sua perspectiva patológica, uma vez que, comportando-se como ferida aberta, na metáfora freudiana extraída do célebre *Luto e melancolia* (FREUD, 2013), o complexo melancólico dá destaque a um contrainvestimento sobre o próprio sujeito.

Com efeito, *Poema da ascensão* se compõe como uma longa elegia em lamento às diversas perdas que a vida empreende. Chama a atenção, no entanto, que o poeta se encontre estancado numa posição inicial do luto, ainda que alguns traços de melancolia sejam observados. Se é certo que direcionamos nossos desejos a variados objetos ao longo da vida, também é certo que, como assevera Freud, não abandonamos facilmente esse investimento de libido, mesmo que se apresente um substituto a esse objeto. Por isso, o sujeito paulatinamente se cerca de elementos que indiquem, numa prova de realidade, que a perda de fato se concretizou, até que ocorra o desinvestimento ou que outro objeto ocupe o lugar do anterior:

O normal é que vença o respeito à realidade. Mas sua incumbência não pode ser imediatamente atendida. Ela será cumprida pouco a pouco com grande dispêndio de tempo e de energia de investimento, e enquanto isso a existência do objeto de investimento é psiquicamente prolongada. Uma a uma, as lembranças e expectativas pelas quais a libido se ligava ao objeto são focalizadas e superinvestidas e nelas se realiza o desligamento da libido. Por que essa operação de compromisso que consiste em executar uma por uma a ordem da realidade, é tão extraordinariamente dolorosa, é algo que não fica facilmente indicado em uma fundamentação econômica. E o notável é que essedoloroso desprazer nos parece natural.

Mas de fato, uma vez concluído o trabalho de luto, o ego fica novamente livre e desinibido (FREUD, 2013, p. 29).

O que Coelho Vaz nos dá a ver em seu livro é apenas a cena do sujeito que entesta a perda do(s) objeto(s), mas não avança para o processo de luto. Essa ausência reflete, ao que parece, na dicção melancólica do poeta, a despeito dos já aludidos momentos em que sobressai uma lírica excessivamente positiva sobre temas relativos ao amor e à vida. Na melancolia patológica, diz Freud, o sujeito “nos mostra ainda algo que falta no luto: um rebaixamento extraordinário do seu sentimento de autoestima, um enorme empobrecimento do ego” (FREUD, 2013, p. 30). Assim, se “no luto é o mundo que se tornou pobre e vazio; na melancolia é o próprio ego” (FREUD, 2013, p. 30).

Os versos de Coelho Vaz não parecem direcionar sintomaticamente uma hostilidade ao próprio sujeito, num rebaixamento de si com relação ao mundo externo. Contudo, também não sinalizam a superação de um estado inicial de lamento, de maneira a se preparar para o reinvestimento a novos objetos. A *persona*² que sofre em *Poema da Ascensão*, portanto, revela algo dos vinte e poucos anos que tinha o autor à época: a energia com a qual se lança aos objetos de desejo – simbolizados especialmente nas paixões e nos laivos de inquietação de ordem político-social – esbarra nas impossibilidades e nas limitações inerentes à vida. Como consequência, insiste-se por vezes em permanecer, ainda que temporariamente, num estado de sofrimento, o que também vai em direção contrária ao

² Não é exagero assinalar que falamos aqui do poeta/persona que se constrói para o livro. Obviamente, não se busca nesta análise um processo de psicologização do autor, tampouco queremos realizar qualquer associação daquilo que se depreende desta interpretação literária com o que diz respeito às demandas do sujeito empírico.

princípio que nos coloca em busca daquilo que garante felicidade e bem-estar. Na perspectiva psicanalítica, lembremos, *para além do princípio de prazer* – no que toca em alguns dos elementos centrais da metapsicologia de Freud –, coexistem as *pulsões de morte*, que apontam para redução dos níveis de excitação vital do sujeito, num eterno conflito entre Eros e Tânatos.

O esforço de estetização da matéria empírica recunda num labor inconcluso, cuja indecisão adquire forma nas sequências rítmicas mal arranjadas, as quais muitas vezes sugerem o descuido de um colóquio informal de quem dispõe confidências e memórias em forma de verso sem que este lhes imponha o ritmo de uma sonoridade poética. Essa vacilação também ecoa na construção das imagens, entre as quais muitas revelam imaturidade de origem e inabilidade na conformação em poema. Contudo, as dificuldades, parece, não passam despercebidas ao autor, que, de forma totalmente deliberada ou não, intitula todas as composições da coletânea como poema a algum objeto de recordação. A insistência em designar os textos que se sucedem numa obra de poesia não pode ser considerada gratuita; há nela um indício de autoafirmação: estão nestas páginas textos poéticos.

Ao leitor, tais dificuldades em administrar os conflitos que se impõem à *persona* de *Poema da Ascensão* deixam um sabor de juventude tanto por evidenciar suas primeiras experimentações estéticas quanto pelas angústias que emergem das experiências iniciais da vida adulta. Ambos são sintomas que exigem esforço: quanto à inexperiência do poeta, como explanou com maestria Gilberto Mendonça Teles no prefácio, é necessário “ver o poema não como mero desfastio ou veículo de popularidade, mas como ofício sério, para cujo exercício se faz precisa uma demanda de conhecimentos e vivências

que, afinal de contas, só o tempo poderá oferecer a quem o souber muito bem aproveitar” (TELES, 1963, p. 12). Já com relação às perdas incontornáveis e inevitáveis no percurso da vida, como vimos com Freud, também é necessário tempo e trabalho para elaboração do luto. Assim, em seu livro de estreia, Coelho Vaz nos lega um saldo daquilo que se espera de um jovem que encontra na poesia um caminho para defrontar os conflitos entre a vida e a morte – e que se depara com os desafios que ambas impõem. No intercurso dessas dimensões, bem como da biografia e da obra, encontra-se um poeta em busca de sua feição poética, que numa travessia ambígua hesita no processo de iniciação literária. Preenche-se de carga simbólica o desfecho da coletânea de 36 poemas com uma composição dedicada ao nascimento: após a recordação de numerosas perdas, ainda que mal resolvidas, retoma-se um (novo) início, com a ciência de estar neste mundo não simplesmente para olhar, mas sim para sonhar.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. O escrito e o público. In: CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. p. 83-98.

COELHO VAZ, Geraldo. Um tempo para não se esquecer. In: GODOY, Heleno; JORGE, Miguel; BARBALHO, Reinaldo. *Poemas do GEN – 30 anos: depoimentos e antologia*. Goiânia: Kelps, 1994. p. 143-144.

DE PAULA, Inácio José. *Coelho Vaz – 40 anos de poesia*. Goiânia: Kelps, 2003.

ÉLIS, Bernardo. O GEN – Grupo de Escritores Novos. In: GODOY, Heleno; JORGE, Miguel; BARBALHO, Reinaldo. *Poemas do GEN – 30 anos: depoimentos e antologia*. Goiânia: Kelps, 1994. p. 143-144.

FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer. In: FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922)*. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 12-85. [1920]

FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*. Trad. Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2013. [1917]

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011. [1930]

LAMAS, Berenice Sica; RECH, Terezinha. O simbolismo do rito de passagem em uma mudança vital. *Psico*, Porto Alegre, v. 30, n. 2, p. 143-162, jul./dez. 1999.

POE, Edgar Allan. *A filosofia da composição*. 2. ed. Trad. Léa Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

TELES, Gilberto Mendonça. Prefácio. In: VAZ, Coelho. *Poema da Ascensão*. Goiânia: Edição ETG, 1963.

TURNER, V. W. Liminaridade e “communitas”. In: TURNER, V. W. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Trad. Nancy Campi de Castro. Petrópolis: Vozes, 1974. p. 116-159.

VALLADARES, Luiz Fernando. Instante de livros. *O Popular*, p. 10, 4 jun. 1967.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS

Reitor

Jerônimo Rodrigues da Silva

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Paulo Francinete Silva Júnior

Coordenadora da Editora

Vanderleida Rosa de Freitas e Queiroz

Conselho editorial

Carlos de Melo e Silva Neto

Fábio Teixeira Kuhn

Fernando dos Reis de Carvalho

Lucas Nonato de Oliveira

Maria Aparecida de Castro

Maria de Jesus Gomides

Rita Rodrigues de Souza

Tânia Mara Vieira Sampaio

Vanderleida Rosa de Freitas e Queiroz

Coordenação da Coleção Artífices

Olliver Mariano Rosa

Marcela Ferreira Matos

Goiandira Ortiz

Digitação da obra original

Isabel Luisa Sampaio

Revisão

Olliver Mariano Rosa

Rita Rodrigues de Souza

Vanderleida Rosa de Freitas e Queiroz

Projeto gráfico e capa

Pedro Henrique Pereira de Carvalho

Diagramação

Ivan Gomes Pereira (EDIFAP)

Renata Rosa Franco

Equipe técnica da EDIFAP

Luiz Ricardo Fernandes de Farias Aires (coord.)

Flávia Karolina Lima Duarte

Formato 150 x 210mm*Tipografia* Helvetica Neue Bold 12/14 (títulos)
Mrs Eaves OT Roman 11/16 (texto)*Papel* Pólen 80 g/m² (miolo)
Cartão Supremo 300 g/m² (capa)*Tiragem* 2.000 exemplares**Conselho científico**

Adelino Cândido Pimenta (IFG)

Albertina Vicentini Assumpção (PUC/GO)

Alice Maria de Araújo Ferreira (UNB)

André Luiz Silva Pereira (IFG)

Angel José Vieira Blanco (IFG)

Antônio Borges Júnior (IFG)

Camila Silveira de Melo (IFG)

Cândido Vieira Borges Júnior (UFG)

Carlos Leão (PUC/GO)

Celso José de Moura (UFG)

Clarinda Aparecida da Silva (IFG)

Cláudia Azevedo Pereira (IFG)

Dilamar Candida Martins (UFG)

Douglas Queiroz Santos (UFU)

Gláucia Maria Cavasin (UFG)

Jullyana Borges de Freitas (IFG)

Jussanã Milograna (IFG)

Kellen Christina Malheiros Borges (IFG)

Kenia Alves Pereira Lacerda (IFG)

Liana de Lucca Jardim Borges (IFG)

Lidia Lobato Leal (IFG)

Lillian Pascoa Alves (IFG)

Manoel Napoleão Alves de Oliveira (IFG)

Marcelo Costa de Paula (IFG)

Marcelo Firmino de Oliveira (USP)

Maria Sebastiana Silva (UFG)

Marshal Gaioso Pinto (IFG)

Marta Roverly de Souza (UFG)

Mathias Roberto Loch (UEL)

Maurício José Nardini (MP/GO)

Pabline Rafaella Mello Bueno (IFG)

Paulo César da Silva Júnior (IFG)

Paulo Henrique do Espírito Santo Nestor (IFG)

Paulo Rosa da Mota (IFG)

Rachel Benta Messias Bastos (IFG)

Ronney Fernandes Chagas (IFG)

Rosana Gonçalves Barros (IFG)

Simone Souza Ramalho (IFG)

Waldir Pereira Modotti (UNESP)

Walmir Barbosa (IFG)

*Quando nasci,
Meus olhos eram para olhar
E não olhei.
Bem sei
Que vim para sonhar.*

A COLEÇÃO ARTÍFICES

COMO OS ESTREANTES NA POESIA, eram também aprendizes muitos dos que trabalharam na arte da tipografia para compor a mancha gráfica dos poemas e das narrativas impressas na gráfica da ETG/ETFG dos anos 1940 aos anos 1970. Cá e acolá catam-se gralhas e pastéis, comuns ao ofício na linotipo, mas os erros tipográficos não nos impedem de ler e de apreciar as palavras reveladas pela mãos dos artífices da prensa. A eles temos de prestar uma justa homenagem, porque nos legaram a possibilidade de conhecer livros que poderiam ter restado no silêncio.

Numa ou noutra das obras desta coleção, alguns poderão acusar fragilidades poéticas ou mesmo ideias anacrônicas, contudo ninguém poderá retirar-lhes o mérito de ter contribuído para edificar e fortalecer a literatura goiana e, assim, para promover a leitura literária em Goiás – movimentos imprescindíveis para a valorização intelectual de nosso povo. Não vacilamos em convidar os prezados leitores, sobretudo os estudantes, a, com os olhos no futuro, folhearem cada uma das obras, sorvendo, sondando, desnudando a memória, a cultura, a história que nestas páginas existem.



INSTITUTO FEDERAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
Goiás

